



MARCELO TEIXEIRA [FOTO]

O QUE O PORTÃO DIVIDE?

Entenda a tentativa de instalação
de grades no CRUSP **p.8 e 9**

ENTREVISTA

Uspiana busca superação nas Paralímpias

Alina Dumas representa o Brasil no remo **p.5**

UNIVERSIDADE

Sem espaço

Fim do drive ilimitado prejudica
produções da Universidade **p.6**

CULTURA

Espaços desperdiçados

Atividades culturais sofrem com
falta de apoio do Campus **p.15**

CIÊNCIA

Bolsas de iniciação científica são insuficientes

Estudantes enfrentam dilemas entre estudo,
trabalho e pesquisa **p.12**

ESPORTES

Uma grande pista de corridas

Cidade Universitária é tomada pela
febre do esporte **p.4**

EM PAUTA

Mpox é motivo para preocupação?

Confira alguns sintomas da doença
para se prevenir **p.11**

HUMOR

ALICIA MATSUDA & DIEGO FACUNDINI

NOTA AOS LEITORES:

⚠ Armazenamento (99% u...

Uso: 20 GB de 20 GB

Gerenciar
armazenamento

PERDEMOS A CHARGE DESTES MÊS

EDITORIAL

Um olhar para as contradições uspianas

A semana marcada pela madrugada mais fria do ano seguida por dias de calor também trouxe oscilações para a turma do quarto período de Jornalismo. Entre tensão e empolgação, conseguimos concluir a nossa primeira edição do **Jornal do Campus**. Este jornal em suas mãos, leitor, não é apenas um trabalho de faculdade, ele é a oportunidade de noticiar questões que observamos todos os dias e, mais do que isso, é a chance de investigar os lados contraditórios das histórias que a comunicação institucional não abrange.

Aos poucos, percebemos que o noticiário do JC é de contradições – afinal, a USP também é cheia delas. Se, por um lado, celebramos a participação de uma uspiana nas Paralimpíadas de Paris e a existência do centro de treinamento paralímpico da USP de Ribeirão (p. 4 e 5), do outro lado temos de falar de problemas recorrentes, como o (in)acesso ao campus para a comunidade externa (p. 3 e 15) e o tempo gasto em filas (p. 7). Na editoria de ciências, o contraste é nítido: a USP avança em pesquisas inovadoras e relevantes à sociedade, mas estudantes ainda sofrem para permanecer com as bolsas de iniciação científica (p. 12 e 13).

Embora haja mais valorização de minorias, como exemplifica a abertura do Centro de Estudos Palestinos e a homenagem à Maria da Penha (p. 10 e 14), a USP caminha a passos lentos quando se trata da inclusão indígena (p. 10). Nesse quesito, a Universidade ainda está atrasada em relação à Unicamp e outras instituições que já possuem vestibular específico para indígenas, repetindo o atraso que teve na adesão de cotas raciais em 2018. Em meio a tantas dificuldades latentes, a edição 542 mostra que ainda dá pra ser feliz na USP, a crônica da última página e a matéria sobre as corridas no Campus (p.4) são exemplos disso.

Parece difícil comportar em 16 páginas as incontáveis nuances que constroem a Universidade de São Paulo, mas seguiremos tentando nestas edições. Para cumprir melhor esta missão, queremos estar mais próximos de você, leitor, e por isso te convidamos a falar conosco nas redes. Agora, além de ler os textos na versão digital pelo site do JC ou acompanhar as pautas pelo nosso Instagram, você pode conferir os bastidores das reportagens em nosso recém-criado TikTok (@jornaldocampus). Desejamos uma boa leitura!

OMBUDSMAN

Isabel Seta: “Eu sou viciada em jornalismo”

Há dez anos, começava a carreira da paulista Isabel Seta, 29, ainda como caloura no curso de Jornalismo da ECA. Antes de se tornar produtora do podcast *O Assunto*, no G1 (2019-24), para o qual roteirizou mais de 900 episódios apresentados por Renata Lo Prete, ela compôs as redações do jornal *Folha de S.Paulo* (2014-16), do aplicativo *Exame* (2016-18) e da revista *Gama* (2019). Agora, gestora de projetos na organização sem fins lucrativos *Fiquem Sabendo*, a jornalista retorna às páginas impressas do **Jornal do Campus**, não mais como repórter, mas como *ombudsman*, isto é,

crítica do material a ser publicado neste semestre.

Enquanto repórter no JC de 2016, Isabel acompanhou, por exemplo, greves e festas no campus, pautas ainda destacadas nas edições mais recentes. “Os estudantes mudam a cada ciclo de alguns anos e, infelizmente, os problemas da Universidade permanecem”, diz, listando as repetidas reportagens sobre o bandeirão, o Hospital Universitário, e a permanência estudantil ao longo dos anos. Diante destes problemas estruturais, pautados aqui periodicamente, a *ombudsman* pretende avaliar a capaci-

dade dos repórteres em usar as recorrências a seu favor, tendo o histórico como ferramenta de apuração. Para ela, abordar este contexto é tão informativo quanto os próprios fatos noticiados: “Apresentar a dimensão do quão velho é o problema é mais forte do que dizer que existe esse problema”.

Este é um dos tantos aprendizados que Isabel adquiriu com os anos nas redações e agora compartilha de antemão. Ela admite lembrar até hoje de ler a “coluna matadora” feita pela *ombudsman* Luciana Coelho, atual secretária-assistente de redação na *Folha*,

na passagem pelo JC, sem esconder o entusiasmo pela oportunidade refrescante de voltar ao veículo impresso. Experiente em tantos suportes de diferentes mídias, Isabel Seta vê a trajetória dela como sintomática das transformações que o jornalismo atravessa. Mesmo alegando ser ruim com mudanças, ela segue aceitando novos convites, como o de assinar a coluna de *ombudsman* a partir da próxima edição. Em meio aos desafios trazidos pelas novas configurações da imprensa, sua persistência tem motivo: “Eu gosto muito de informação, eu sou viciada em jornalismo”.

Formada pela ECA-USP, a jornalista Isabel Seta foi produtora e roteirista do podcast *O Assunto* e atua na agência *Fiquem Sabendo*



1

JC Online



JORNAL DO CAMPUS

Universidade de São Paulo – Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior. **Vice-Reitora:** Maria Arminda do Nascimento Arruda. **Escola de Comunicações e Artes – Diretora:** Brasilina Passarelli. **Vice-Diretor:** Eduardo Monteiro. **Departamento de Jornalismo e Editoração – Chefe:** Luciano Guimarães. **Chefe Suplente:** Wagner Souza e Silva. **Jornal do Campus – Professores responsáveis:** Alexandre Barbosa, Luciano Guimarães e Wagner Souza e Silva. **Redação – Secretária de Redação:** Sarah Kelly. **Editoria de Arte – Editor:** Diego Facundini. **Arte:** Diego Facundini, Diogo Silva, Ester Nascimento, Jônatas Fuentes, Lara Soares, Nicolle Martins, Renan Affonso. **Editoria de Fotografia – Editor:** Diogo Silva. **Fotógrafos:** Alicia Matsuda, Artur Abramo, Bárbara Aguiar, Davi Madorra, Diego Facundini, Diogo Silva, Lívia Uchoa. **Editoria Online e Redes Sociais – Editores:** Davi Madorra, Lucas Lignon. **Opinião/Diálogos – Editora:** Alicia Matsuda. **Repórter:** Alicia Matsuda, Miriã Gama, Sarah Kelly. **Entrevista – Editora:** Nicolle Martins. **Repórter:** Nicolas Dalmolin. **Universidade – Editores:** Fernanda Zibordi, Samuel Cerri. **Repórteres:** Gabriela Varão, João Chahad, Jônatas Fuentes, Lara Soares, Marcelo Teixeira, Mirela Costa, Pedro Morani. **Em Pauta – Editora:** Beatriz Haddad. **Repórter:** Júlia Alencar. **Cultura – Editores:** Bárbara Aguiar, Gabriel Carvalho. **Repórteres:** Bárbara Aguiar, Marcelo Teixeira, Paloma Lazzaro. **Esporte – Editora:** Marina Giannini. **Repórteres:** Artur Abramo, Isabella Gargano. **Ciência – Editora:** Lívia Uchoa. **Repórteres:** Beatriz Garcia, Sofia Zizza. **Endereço:** Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 433, prédio 2, sala 19, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-020. Telefone: (11) 3091-4211. **Impressão:** DNA Gráfica Digital. O **Jornal do Campus** é produzido pelos alunos do 4º semestre do curso de Jornalismo Diurno, como parte das disciplinas Laboratório de Jornalismo: Jornal do Campus e Laboratório de Fotojornalismo.

▶ DENÚNCIA

Alunos sofrem lesões nas quadras externas

Diretoria do CEPEUSP alega que falta de verba impede reformas e mantém quadras em condições precárias

ARTUR ABRAMO [REPORTAGEM]

A lesão de Luiz Sato, atleta de futsal da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), no dia 6 de agosto em uma das quadras do Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), suscitou antigo problema do local: a condição das quadras poliesportivas.

Durante um treino na quadra 9, o atleta fraturou o tornozelo depois de ficar com o pé preso ao piso de asfalto e precisou realizar cirurgia no dia seguinte. Sato conta que, antes mesmo de se machucar, já sentia receio em treinar nessas quadras devido a depoimentos de outros colegas sobre contusões. “Acredito que todos que praticam esportes com frequência nesses espaços têm algum medo.”

HISTÓRICO DE ACIDENTES

A história de Sato motivou Felipe Bueno, outro atleta da ECA-USP que

sofreu uma torção no tornozelo na mesma quadra, a investigar a recorrência dessas contusões. Bueno criou um formulário para coletar relatos semelhantes que obteve mais de 50 respostas de estudantes uspianos. Entre os casos, 14 atletas precisaram de fisioterapia e 3 passaram por cirurgias. Uma aluna descreveu que deixou a quadra “com as mãos em carne viva” e teve que ir direto ao pronto-socorro para “retirar pedaços de asfalto das mãos”. Dois estudantes relataram rompimentos ligamentares no tornozelo e no joelho.

Bueno demonstrou indignação por ter vivido caso semelhante. A lesão o obrigou a fazer fisioterapia e a não praticar esportes por dois meses. “O que vai precisar acontecer de mais grave para que façam alguma coisa?”, desabafou.

Com a circulação do formulário, a pressão dos alunos aumen-

“Com dor insuportável, fui levado direto ao hospital. Essa foi a lesão mais séria da minha vida”

Luiz Sato, atleta da ECA-USP

tou. A Liga Atlética Acadêmica da USP (LAAUSP) enviou informes para as Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) detalhando a situação das quadras 9 e 10, que têm sido foco de constantes queixas dos atletas.

Nos informes, a LAAUSP relatou que, após uma vistoria com a diretoria do CEPEUSP, foram identificados problemas no piso, nos gols e na iluminação. Novas lâmpadas foram solicitadas e devem chegar ao longo do semestre. Além disso, a grade que separava as quadras foi retirada devido a danos estruturais e redes provisórias foram instaladas enquanto se aguarda a reforma completa. A LAAUSP se comprometeu a cobrar semanalmente a diretoria por melhorias.

FALTA DE VERBA

Em contato com a reportagem do JC, a diretoria do CEPEUSP reconheceu os problemas e confirmou a conversa com

a liga universitária para medidas paliativas. Segundo Katia Regina de Oliveira, chefe técnica da Divisão Administrativa, a situação das quadras é conhecida, mas há limitações orçamentárias. O orçamento anual de R\$1 milhão é insuficiente para todas as reformas necessárias, sendo priorizadas a realocação de caixas de força e manutenção básica. “Não podemos correr o risco de ter uma pane elétrica ou até algo pior”, aponta a chefe técnica.

Outras obras são realizadas com apoio de parceiros, como a construção da nova lanchonete do CEPEUSP, financiada pela reitoria da universidade. Enquanto isso, a diretoria do centro esportivo avalia como distribuir os recursos disponíveis para concretizar as melhorias necessárias. A reforma das quadras está prevista para o próximo ano, enquanto melhorias nos vestiários e piscinas são planejadas para o futuro.

▶ PÚBLICO EXTERNO

Para comunidade não uspiana, o esporte ocorre mediante taxas e é restrito a cursos semestrais

Quem tem acesso ao CEPEUSP?

ISABELLA GARGANO [REPORTAGEM]

O Centro de Práticas Esportivas da USP, ou CEPEUSP, é aberto gratuitamente para alunos, funcionários e dependentes da Universidade. Mas para a comunidade externa o acesso é restrito, incluindo terceirizados. Eles só podem frequentar se matriculados em algum curso, nos horários e dias específicos, como qualquer outro externo. Erica Takigahira, chefe da divisão de educação física do CEPEUSP, explica que

“alguns cursos são permitidos para o público externo, mediante o pagamento de taxas”. Para pessoas de até 59 anos, o preço varia de R\$316, para uma vez na semana, à R\$834, para quatro vezes na semana, segundo a tabela de preços de 2024.

Em uma manhã de aulas, por exemplo, o local é frequentado não pelo típico público universitário, mas por pessoas mais velhas e normalmente moradoras da região próxima à cidade universitária. Noburo Mukai é

um desses casos: morador do Butantã e vizinho do CEPEUSP, o aposentado frequenta o local semanalmente. “Eu faço aula de musculação e aeróbica com a minha mulher. Pagamos uma mensalidade de valor simbólico. Passei a vir aqui depois que parei de trabalhar, fiz amizades e é muito bom.”

DOIS MUNDOS

Embora alguns externos consigam aproveitar o espaço e tenham boas experiências, desafios são relatados por

quem mantém vínculo com a USP, mas não é considerado uspiano. Uma ex-aluna, que preferiu não se identificar, conta que após se formar ainda fazia parte de um time de sua unidade por um ano, mas tinha problemas para frequentar o CEPEUSP. Para participar dos treinos era preciso burlar algumas regras. “Eu pegava QR code emprestado para entrar. Existe uma carteirinha para ex-alunos, mas era super cara”, relata. A taxa anual para ex-alunos é de 960 reais e

para dependentes, 480. Visitantes acompanhados só podem frequentar o local uma vez ao ano durante 90 minutos.

O grupo de Jiu-Jítsu da Poli também enfrenta dificuldades para reservar horários de treino e para que os treinadores externos entrem no complexo. “Temos que fazer carteirinhas caras para os professores, que só duram seis meses”, relata Luigi Scofano, estudante de Engenharia de Computação e diretor do Jiu-Jítsu. “Renovar as carteirinhas custa, em média, 330 reais e nós temos mais de um professor.”

O estudante conta que é um problema de longa data. Segundo Luigi, renovar as carteirinhas não é um processo rápido. “Desde que as aulas voltaram estamos tentando resolver isso, mas a comunicação está bem difícil. Quando vamos ao CEPEUSP, a pessoa que a gente precisa não está disponível.”

O CEPEUSP declara em seu site que busca “oferecer à comunidade universitária programas de educação física, [...] estendendo à comunidade externa na medida de suas possibilidades”. A cobrança de taxas e as restrições de uso para o público externo estão previstas no regulamento, mas ainda causam conflitos como os relatados.



▶ EM ALTA

Febre das corridas: USP vira point de esporte do momento

Espaço arborizado e terreno plano convida paulistanos a correr

ARTUR ABRAMO [REPORTAGEM]

Com campus de aproximadamente 3,7 km², mais que o dobro do tamanho do Parque Ibirapuera, a Cidade Universitária consolidou-se como um dos principais pontos para a prática de corrida na capital paulistana. A busca por um estilo de vida mais saudável tem feito as pessoas procurarem outras opções além das academias lotadas. O relevo plano em boa parte da universidade, a arborização e a tranquilidade do trânsito são atrativos para os atletas.

Especialistas em saúde e bem-estar destacam que correr em ambientes naturais pode proporcionar impacto positivo adicional na saúde mental. O professor de educação física Plínio Cotta cita os benefícios cardiovasculares da prática e conta que descobriu nelas “um aliado para perder peso”.

De acordo com ele, as corridas foram a melhor forma de emagrecer por meio de uma atividade física fora da musculação. O esporte também mudou a maneira dele enxergar este processo. “Passei a sentir prazer em lutar por esse objetivo”.

Divulgadas por influenciadores e grandes marcas, as corridas de rua ganharam apelo entre o público geral. Ainda assim, a valorização recente do esporte não se deve a um único motivo. Para Raquel Carvalho, ex-aluna de Relações Públicas da USP e apreciadora das corridas, a praticidade é o que mais chama atenção. “É um dos esportes mais democráticos que existe, você não precisa de quase nada para praticar”, explica.

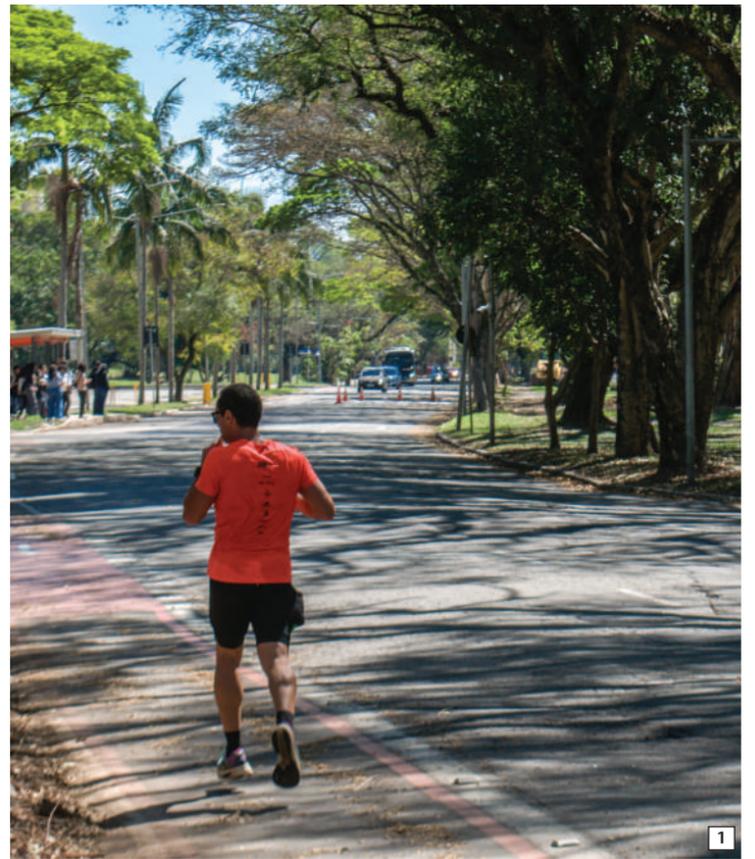
A variedade de opções de corridas também é um atrativo. Um dos principais trajetos acontece ao lado da raia olímpica, que compreende uma pista de cerca

de 2,5 km. Para quem se desafia a fazer distâncias mais longas, como Raquel, existem outros espaços. “Vou improvisando, entrando nas ruas e acompanhando no relógio, mas tento sempre voltar para o ponto de começo da raia, que é onde eu pego o ônibus ou estaciono o carro.”

Embora a compra de material esportivo seja incentivada pela cultura do consumo, amplificada pelas redes sociais, Raquel e Cotta concordam que “deixa caro quem quer”. Isso porque, segundo o educador, é possível encontrar calçados adequados para a prática na faixa de R\$ 100 a R\$ 200. “Vendem relógios, acessórios e suplementos, mas nada disso é necessário”, completa a corredora.

COMUNIDADE E EVENTOS

Outro aspecto levado em consideração é o envolvimento da comunidade com a prática esportiva. A



1

USP realiza regularmente eventos e competições, que atraem alunos e funcionários, além do público externo.

O Circuito USP de Corridas, por exemplo, é um evento estabelecido ao longo do ano com provas distribuídas em diferentes campi da universidade. No dia 19 de outubro será realizada mais uma etapa, a 61ª Volta da USP de São Paulo.

INSCRIÇÕES NO SITE
www.cepe.usp.br

Comunidade USP
de 2 a 20/09, das 8h às 18h

Comunidade externa
de 23 a 27/09, das 8h às 18h

Onde a medalha de ouro não é o limite

Centro de treinamento para atletas paralímpicos é mantido em parceria com USP de Ribeirão Preto

ISABELLA GARGANO [REPORTAGEM]

O Centro de Referência Paralímpica de Ribeirão Preto (CRPRP) é exemplo de sucesso da parceria entre o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o Centro de Práticas Esportivas da Prefeitura do Campus (CEFER) e a Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP). A fim de descentralizar o esporte paralímpico, o local desenvolve nove modalidades: atletismo, natação, esqui cross-country (paradesporto de neve), rugby e basquete em cadeira de rodas, goalball (similar ao handebol, mas adaptado para deficientes visuais), vôlei sentado e parabadminton.

Trata-se de uma iniciação esportiva financiada pelo CPB e conta com a estrutura da USP Ribeirão. Erick Bueno de Ávila, secretário de esportes de Ribeirão Preto, explica como surgiu a colaboração. “Quando pensa-

mos em nos aliar com a EEFERP, consideramos as modalidades de natação e atletismo. Além da qualidade acadêmica da USP, tinham estruturas fundamentais, uma piscina aquecida de 25 metros com acessibilidade.”

O programa atende sobretudo a demanda das pessoas de Ribeirão e de regiões próximas do interior paulista. “Além da faixa etária [de sete a 35 anos], nossa limitação é quanto ao número de alunos. A natação, por exemplo, trabalha com várias deficiências, então precisamos do suporte de estagiários e, quando não temos ajuda suficiente, a quantidade de alunos diminui”, explica Erick.

Não à toa, o CRPRP é o responsável por treinar três atletas que competiram pelo Brasil nesta edição de Paris: Zileide Cassiano Silva no salto em distância, Mariana Garcia no handbike e Jéssica Messali no paratriathlon.

“Cada corpo é um corpo e cada deficiência é particular”

Matheus Benine



Matheus Benine é professor de atletismo no centro e conta que conheceu o esporte paralímpico durante a graduação de Educação Física na USP. “Não tenho movimento do braço esquerdo devido a um acidente de moto em 2013, dois anos depois, entrei na USP. Eu tinha um professor que falava sobre esportes adaptados, me interessei e comecei a praticar”, relata.

Para praticar alguma das modalidades é necessário laudo médico que designe a deficiência, e assim a classifique para qual esporte o indivíduo está elegível. O atletismo é um dos paradesportos com mais variedades, aceita três tipos de deficiências, sendo elas: visual, intelectual ou física. Dentro de cada categoria existem subníveis que auxiliam a designar qual categoria e esporte o atleta pode competir.

Karen Carneiro, estudante de farmácia na Faculdade de

Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP), tem hemiplegia – uma forma de paralisia cerebral que causa dificuldade de movimentos de um lado do corpo – e pratica atletismo no CRPRP. “Sem querer eu acabei como aluna do Matheus. Ele me viu no CEFER e reconheceu alguma deficiência no modo que eu andava, então sugeriu a prática de um esporte paralímpico e eu me interessei”, relata a jovem.

A estudante começou o esporte recentemente, então ainda não compete, mas treina práticas do atletismo relacionadas a corridas e lançamentos. “Frequentar o CRPRP impactou positivamente minha vida e minha saúde no geral, me aproximou de um esporte interessante e ajudou a entender melhor como funcionam as práticas esportivas para pessoas com deficiência como eu, além de melhorar minha autoestima”, conta Karen.

▶ DIRETAMENTE DE PARIS

Estudante da Faculdade de Medicina da USP representou o Brasil remando nos Jogos Paralímpicos de Paris

“Foi uma sensação de que deu certo”

NÍCOLAS DALMOLIM [REPORTAGEM]

Alina Dumas, 31, passa seis manhãs por semana na raia olímpica da USP. De segunda a sábado, a atleta do Corinthians rema cerca de 12 km por dia, o equivalente a mais de metade da extensão da Marginal Pinheiros, ao lado. Nas últimas semanas, ela se afastou das águas do Butantã, na zona oeste de São Paulo, para abraçar uma missão inédita: estar no time brasileiro dos Jogos Paralímpicos de Paris.

A uspiana é uma das quatro esportistas que representaram o país na modalidade PR3 quatro com misto (PR3 Mix4+). A categoria é reservada a remadores paralímpicos que apresentam limitação motora, mas conseguem utilizar tronco, braços e pernas na disputa. Ela foi a única aluna da USP a participar dos Jogos, de acordo com a comunicação oficial da Universidade.

Em entrevista ao JC, Alina contou sua reação com a classificação da equipe brasileira no Qualificatório disputado na Suíça, em maio: “Eu fiquei um pouco em choque, eu não sabia muito o que fazer”. O país ficou em 2º lugar, atrás apenas da Itália, o que permitiu a participação da esportista nas primeiras Paralimpíadas de sua vida.

Além da atleta, os brasileiros que competem na modalidade PR3 quatro com misto são os remadores Priscila Barreto, Erik Lima e Gabriel de Souza. Quem guia a equipe é o timoneiro Jucelino da Silva, responsável por orientar os atletas sobre a direção do barco e as manobras a serem realizadas.

No para-remo, as categorias são separadas pelo tipo de deficiência física: a sigla PR (remo paralímpico, em inglês) é acompanhada de um número, que varia de 1 a 3. Quanto maior o número, maiores são as funções de tronco, braços e pernas dos atletas competidores.

NATURALIZADA

Alina nasceu na Argentina e se mudou para o Brasil com a família quando tinha quase 15 anos. Após o Ensino Médio, se graduou em Bacharelado em Ciência, Química e Genética pela Universidade de Toronto. Quando terminou a faculdade, percebeu que precisava escolher se voltaria ou não para a terra natal. “Eu achava que o Brasil tinha bem mais oportunidades de pesquisa, de trabalho, de tudo. Então decidi ir”, afirma.

Entre 2019 e 2022, a atleta fez mestrado em Ciências do Sistema Musculoesquelético pela Faculdade de Medicina (FMUSP). Hoje, é doutoranda pela mesma instituição, porém sua orientadora permitiu que desse uma pausa nos estudos por causa do esporte. “Ela me deu liberdade agora para focar nos Jogos, mas quando voltar sei que vou ter

que focar muito em terminar o doutorado”, comenta.

A esportista começou o processo de naturalização em novembro, em cima da hora para poder competir pelo país. “Tinha acabado de completar os seis anos [necessários]: dois de residência temporária e quatro de residência permanente. Foi um estresse fazer tudo, porque em maio eu já tinha que viajar e precisava dos dados”, lembra. O Registro Geral (RG) foi obtido em março e o passaporte, em abril.

AMOR PELO REMO

Alina se apaixonou pelo remo após assistir ao esporte nas Olimpíadas de 2012, enquanto já era uma atleta de alto rendimento de natação. Após deslocar o ombro, precisou parar de nadar, mas não deixou as águas de lado. “Quando iniciei a faculdade no Canadá, entrei no circuito de remo para iniciantes. Comecei lá e adorei”, recorda.

A remadora iniciou a carreira de atleta na faculdade e entende que o esporte universitário é importante para ter contato com pessoas que têm outros estilos

de vida e outras condições financeiras. “Dá para fazer amigos e criar relações com pessoas fora do seu ‘normal’. Eu abri muito a mente para poder fazer vínculos e entender as pessoas de uma forma diferente”, reflete Alina.

Em 2020, a atleta rompeu os ligamentos dos dois tornozelos e precisou passar por três cirurgias. Enquanto se recuperava das lesões – o tornozelo esquerdo não reagiu bem aos primeiros dois procedimentos –, foi atrás da classificação para poder competir no para-remo. “Foi uma chance única de tentar chegar nos Jogos, o que sempre sonhei.”

Depois das Paralimpíadas, Alina afirma que quer manter a rotina de treinos e tentar se classificar para outras competições. Também nos estudos, não esconde a paixão pela ciência: “[Minhas vontades são] fazer um pós-doutorado e depois achar um trabalho em algum laboratório, porque eu gostaria de fazer pesquisa com células”, planeja.



Alina Dumas (segunda à direita), durante treino de aclimatação em Troyes, na França

1

“[Com o esporte universitário], eu abri muito a mente para poder fazer vínculos e entender as pessoas de uma forma diferente”

Alina Dumas



▶ VAI CABER?

Universitários se adaptam ao novo espaço do Google Drive

Com fim do armazenamento ilimitado, estudantes e pesquisadores da USP sofrem para manter seus trabalhos seguros na nuvem

JÔNATAS FUENTES E LARA SOARES
[REPORTAGEM]

Na edição nº 540, a reportagem do JC contou sobre o fim da parceria do Google Workspace for Education com universidades no mundo todo. Na USP, o armazenamento de dados em nuvem, por meio do Google Drive, antes ilimitado, passou a ser de apenas 20 GB para estudantes e 1 TB para docentes.

Em comunicado emitido via e-mail em 3 de maio, a Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) informou que usuários com arquivos acima do limite de armazenamento teriam até 2 de junho para retirar os conteúdos excedentes, sob risco de exclusão permanente.

A orientação geral foi que os usuários baixassem, às pressas, todos os arquivos manualmente – independentemente do tamanho, fossem gigabytes, terabytes ou mais – e os enviassem ao Google Cloud Storage, serviço com interface menos amigável ao usuário e cujo acesso deveria ser solicitado à STI, ou a outro serviço de responsabilidade de cada usuário.

A redução no armazenamento mobilizou a comunidade USP. Diversas pesquisas e produções científicas, antes guardadas no Google Drive, tiveram de ser colocadas em outro lugar.

REAÇÃO Frente à ordem de despejo do Google Drive, Millena Franco, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (FE-USP), encontrou uma alternativa rápida, mas inadequada: transferiu para um pen drive sua dissertação de mestrado e todos os dados da pesquisa.

“O Google Drive serviu como espaço para organizar fontes primárias digitalizadas em centros de memória e museus, além de arquivos raríssimos”, conta.

Felizmente, Millena não perdeu nenhum arquivo importante, porém considera os 20 GB insuficientes para guardar publicações importantes, “dificultando a preservação histórica de produções feitas na instituição”.

Entre as graduações que mais exigem espaço no Drive, o curso

de Audiovisual, da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), foi bastante impactado. Cora Ribeiro, estudante e representante discente do curso, acompanha o drama dos alunos que trabalham com manipulação do arquivo bruto das captações audiovisuais. “Só um exercício simples já ocupa muito mais do que 20 GB. Imagina um curta-metragem, com horas e horas de material”.

A representante também relata que os estudantes usavam o Google Drive para arquivar filmes raros. “É o nosso repertório pessoal, que usamos para pesquisa e referências dos nossos projetos ao longo do curso. Um único filme tem, em média, 50 GB. Acervos inteiros se perderam”. Como medida provisória, os discentes precisaram transferir os arquivos para HDs externos. No entanto, pelo alto custo destes dispositivos, a alternativa é pouco democrática.

DEPENDÊNCIA Segundo o ranking da Universidade de Leiden, na Holanda, a USP é a 16ª maior produtora de artigos científicos no mundo – cerca de 20 mil publicados entre 2019 e 2022 –, atrás apenas de Harvard (EUA), Universidade de Toronto (Canadá) e diversas instituições chinesas, mas já esteve na 4ª posição de 2009 a 2012.

Com a digitalização da ciência, grande parte dessas pesquisas dependem de pacotes de software, como Microsoft Office ou Google Drive. Funções como a edição colaborativa, utilizada pela pesquisadora, facilitam em muito a produção científica. Porém, para que funcionem, é necessário espaço. Caso contrário, todos os outros serviços da plataforma são limitados: a Google impede a criação de novos arquivos e o Gmail também para de receber e-mails.

ALTERNATIVAS O Instituto de Física (IF-USP) utiliza servidor próprio para armazenar dados de pesquisa, de ensino ou administrativos. Desde a chegada da Internet na USP, a Faculdade utiliza o Centro Computacional (CC-IFUSP) local como alternativa viável, fornecendo “todos

os serviços necessários para a comunidade, sem depender de nenhum sistema externo”, como afirma o professor Alexandre Suaide, coordenador do centro.

O professor também cita que só o armazenamento concedido ao seu grupo de pesquisa – 2 milhões de GB, sem contar com o armazenamento geral do IF – já é superior ao total que a USP utilizava no Google Drive. Entre outros serviços fornecidos pelo CC à comunidade do IF, estão processamento de dados, e-mails “@if.usp.br” e a rede Wi-Fi “IFNET”. O setor é mantido por investimentos em pesquisa e orçamento do instituto.

Em pesquisas mais sensíveis – com patentes sigilosas de tecnologia, por exemplo –, é expressamente proibido utilizar ferramentas de empresas privadas. Nesse caso, opta-se pelo servidor local pela melhor privacidade. “Os dados são o petróleo do século 21, e se alguém te oferece algo de graça, é porque você é o produto, consentindo fornecer informações para outros usos”, analisa Suaide.

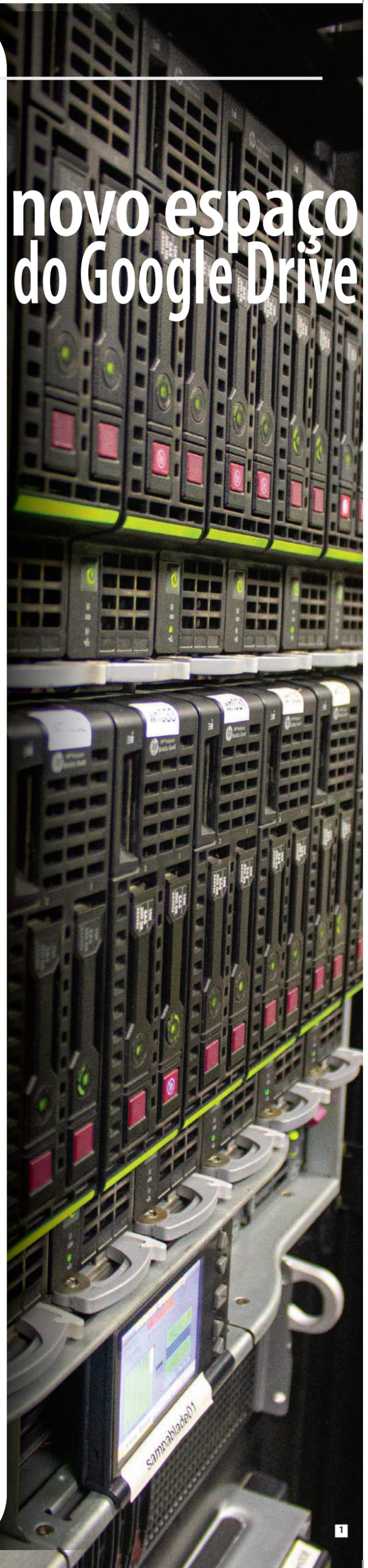
A adoção de servidores próprios, segundo a STI, cabe individualmente a cada instituto.

PROVIDÊNCIAS Em comunicado geral, a STI disse que “no futuro, outra plataforma de armazenamento poderá ser contratada”. Ao JC, a Superintendência esclareceu que essa informação refere-se ao contrato com a Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo (PRODESP), hoje apoiada provisoriamente nos serviços da Google.

Quanto à transição para outro serviço, a STI disse que trabalha alternativas para atender à demanda de modo “otimizado, tanto em relação ao custo quanto à qualidade, resiliência e eficiência dos serviços”. A limitação de uso busca “implementar mudanças significativas”, visando menor custo aos cofres da USP, conforme a nota do STI.

Procurada pela reportagem do JC, a Google decidiu não comentar o caso.

Centro Computacional
do Instituto de Física (IF-USP)



▶ BANDEJÕES LOTADOS



2 reais ou uma fila misteriosa?

Estudantes reclamam das filas nos bandejões, que se mostram ineficientes em atender ao público

GABRIELA VARÃO E PEDRO MORANI
[REPORTAGEM]

Os bandejões são a única forma para fazer refeições para pelo menos 40% dos estudantes da USP que responderam a pesquisa realizada pelo JC, tornando-se um dos principais meios de permanência estudantil. A sondagem é uma amostragem da nova realidade da Universidade: dados divulgados pela Pró-Reitoria de Graduação mostram que 54,1% dos estudantes aprovados no vestibular de 2023 são egressos de escolas públicas.

O levantamento constatou que a maior e mais recorrente reclamação são as largas e longas filas. Com tempo de espera de até 1h40 nas refeições, o custo de apenas R\$ 2 por refeição fica com sabor amargo na vivência universitária. Quase 87% dos estudantes que responderam à pesquisa relatam que já perderam o horário graças à espera.

Para adaptar a rotina, muitos usam técnicas para não atrasarem compromissos acadêmicos ou profissionais. “A gente tenta sair bem rápido das aulas para não perdermos o horário de almoço, e nem chegarmos atrasadas na aula da tarde”, explicam as pós-graduandas da Faculdade de Saúde Pública (FSP), Bianca Guedes e Carla Gabrielle.

A FSP tem um restaurante pequeno, mas que até pouco tempo atrás conseguia atender aos alunos. No entanto, a partir das férias do meio do ano, essa realidade mudou com a vinda

dos estudantes da Faculdade de Medicina (FMUSP), órfãos do restaurante interno que foi fechado para reformas em julho. A continuação do contrato com o Grupo Aze, empresa que opera o restaurante, era uma das reivindicações da greve deflagrada pela unidade no começo do ano, mas que não foi atendida.

“O estopim da greve foi quando a Bonfá, diretora da FMUSP, queria não só tirar o bandejão como tomar vários espaços do porão, local de vivência dos estudantes”, relata o estudante João Pedro Damasceno, do curso de Medicina. O restaurante funcionava com subsídio da faculdade, e os alunos pagavam os mesmos dois reais, podendo optar por comer refeições ou kits de lanches já estabelecidos.

“Pelo que eu me lembro, chegou um comunicado de repente falando que o local ia ser fechado e caso não houvesse a nossa cooperação, também seria perdido o espaço de convivência”, completa João. Com isso, os estudantes de medicina passaram a frequentar os restaurantes vizinhos, da FSP e da Escola de Enfermagem. Estruturado para uma quantidade bem menor de pessoas, as filas aumentaram consideravelmente na percepção dos frequentadores.

Esse é o caso da graduanda do quinto semestre do curso de Nutrição, Beatriz Pereira. “Na primeira semana, nem sabia o que tinha acontecido. A fila estava o dobro do que era, chegando num lugar que eu nunca

tinha visto antes”. Ela ainda conta que algumas medidas foram tomadas para tentar diminuir o tempo, como a abertura de um espaço com mesas embaixo da biblioteca, onde funcionava uma antiga lanchonete, para aumentar a quantidade de lugares para receber os alunos.

Enquanto isso, no prédio ao lado, o restaurante da medicina segue em reformas. Não há sequer o prazo para a reabertura do espaço de alimentação. “Não tem nenhuma previsão oficial, a gente só sabe que quando reabrir vai ser um bandejão igual a todos os outros”, afirmam João Pedro e Felipe Vieira, também estudante do curso de Medicina. A reportagem do JC procurou a diretoria da FMUSP por meio da assessoria de imprensa, mas não obteve um retorno até o fechamento dessa edição.

PARADO NO BANDEJÃO No Butantã, os estudantes contam com quatro bandejões distribuídos pelo campus: Central, Prefeitura, Químicas e Física. O Restaurante Central oferece em média 4 mil refeições diárias, já o Restaurante da Química serve 1,8 mil. Um dos principais pontos de alimentação da USP, o Central é conhecido pelas longas filas, principalmente no início de semestre. Segundo a pesquisa realizada pelo JC, 90,6% dos estudantes utilizam o bandejão no Central e o tempo de espera pode variar de meia a duas horas, a depender do dia da semana e do cardápio. Quem quiser

comer frango empanado, vai enfrentar uma extensa fila.

Por esse motivo, alguns alunos se programam para chegar mais cedo, quando o restaurante ainda não está aberto. Esse é o caso de Vitor, estudante de História, que frequenta o bandejão diariamente e que já ficou duas horas e meia na fila, esperando para comer. “Eu costumo chegar às 16h para ser o primeiro da fila. Eu chego mais cedo para comer mais cedo e ir para aula. Se eu gastar muito tempo na fila, eu vou chegar atrasado para aula”.

Já a estudante de Fisioterapia, Giovanna Galvão Scheidegger da Silva, que também faz parte do Centro Acadêmico XXI de Junho, explica que sua rotina é muito corrida, já que tem aula tanto no Butantã, quanto na FMUSP, localizada entre Bela Vista e Sumaré. “A gente tem muitas aulas de manhã na FMUSP e de tarde na Fofito (Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional), que é lá no fim da Cidade Universitária, no último ponto dos circulares, no P3. É muito corrido, têm tanto as filas do transporte público quanto dos bandejões”.

João Pedro Mendonça, estudante de Letras, que depende exclusivamente do bandejão para comer, relata que já deixou de jantar por causa da fila. “Eu fui para aula porque estava atrasado e tinha uma fila enorme”, lembra. Dos 128 alunos que responderam à pesquisa, 75,8% já deixaram de fazer refeições por causa das filas.

“Eu chego mais cedo para comer mais cedo e ir para aula. Se eu gastar muito tempo na fila, eu vou chegar atrasado para aula”

Vitor, estudante de História

▶ ACESSO BLOQUEADO

Revolta durante instalação de grades expõe dúvidas sobre a participação popular no CRUSP

GABRIEL CARVALHO E
JOÃO CHAHAD | REPORTAGEM

No início da tarde do dia 14 de agosto, a tentativa da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) da USP de instalar portões para o controle de acesso nas moradias estudantis gerou tumulto entre um grupo de estudantes e a Guarda Universitária (GU). A manifestação aconteceu na portaria do bloco G do Conjunto Residencial da USP (CRUSP). A movimentação resultou na ocupação da portaria do prédio, ação que paralisou as obras no local.

Os manifestantes – compostos na maioria por estudantes universitários cruspianos – acusavam outro grupo de residentes do prédio que estava junto à GU de facilitarem a instalação das grades. Hugo César, morador do bloco G que estava na linha de frente na defesa da instalação, afirmou que houve uma longa comunicação prévia, e que o controle de acesso é uma “demanda histórica” do conjunto. Ele defendeu a implantação da medida por blocos, por conta das divergências de opiniões dos moradores com relação às medidas de segurança propostas pela PRIP.

Mais cedo, no mesmo dia, o grupo de estudantes contrários à instalação estava no bloco F em diálogo com representantes da diretoria Vida no Campus, divisão da PRIP responsável pelos assuntos de moradia estudantil. Enquanto isso, durante

o horário de almoço, os portões começaram a ser instalados no bloco G, que fica em frente ao Restaurante Central. Os manifestantes decidiram se deslocar em direção às obras na tentativa de barrar a construção. Giovana Oliveira, vice-presidente da Associação de Moradores do CRUSP (Amorcrusp), chamou a medida da PRIP de “forçosa e autoritária” e afirmou que não houve busca efetiva pelo diálogo com os moradores. Já a PRIP, no perfil oficial do Instagram, acusou a Associação de provocar “uma nova onda de desinformação”.

A pauta sobre a segurança dos moradores do CRUSP tem persistido ao longo dos anos. Diversas denúncias de furtos e assédios provocaram o debate sobre a necessidade de um controle de acesso mais rígido nas portarias dos blocos. A falta de medidas de segurança pode complicar o processo de identificação dos infratores e tornar a vida na moradia estudantil mais perigosa. No entanto, incertezas sobre o funcionamento e a aplicação das grades deixou parte dos moradores e a Amorcrusp em alerta com as ações da PRIP.

LONGA DISCUSSÃO No dia 28 de março deste ano, um morador do CRUSP teve diversos pertences roubados após ter o apartamento invadido. A gestão da Associação à época, o grupo Avante, lançou uma nota de repúdio pedindo para a PRIP políticas de controle de acesso mais



rígidas. Mariane de Oliveira, ex-presidente da Amorcrusp, diz que os residentes do bloco G, segundo ela os mais afetados pelo vandalismo, já haviam mandado dois abaixo-assinados entre 2021 e 2023 pedindo a aplicação da medida. Junto com eles, as moradoras do bloco A1, conhecido como “bloco das mães”, também concordaram. Mariane ainda afirma que a gestão da qual ela fez parte era abertamente favorável ao controle de acesso com barreiras físicas. Ela diz ter se baseado em uma pesquisa com os moradores regulares do conjunto.

A atual gestão da Associação – eleita no final de abril deste

ano e coordenada pelo movimento Correnteza – tem posicionamentos mais cautelosos em relação ao controle de acesso. As promessas da chapa Isis de Dias de Oliveira giravam em torno de novas medidas de segurança e da criação de um seminário para alinhar a posição dos moradores sobre as propostas. Perguntado sobre o porquê da data da aplicação do projeto, o atual presidente da Amorcrusp, Daniel Lustosa, afirmou que o plano original era realizar o seminário em setembro, mas o evento foi antecipado devido aos acontecimentos recentes.

No mês de maio, a PRIP iniciou uma série de reuniões abertas com os moradores do CRUSP. Em comunicado, a Pró-Reitoria afirma que houve “uma resposta positiva dos moradores” à apresentação do modelo arquitetônico, apesar de mais da metade das reuniões terem ocorrido no começo de julho, quando o contrato com a empresa que instalaria as grades já havia sido fechado. No mesmo mês, a Amorcrusp disse, por meio de nota de posicionamento, que a maneira de implementação dos portões “atropela o debate democrático com o conjunto dos moradores”.

Daniel diz que nessas reuniões havia poucos moradores e que elas serviam apenas como informe e não uma ponte de diálogo com os cruspianos e seus representantes. Em nota no Instagram, a PRIP afirma que reuniu “quase uma centena” de pessoas da comunidade CRUSP e que o

tema “vem sendo discutido desde o ano passado”. O JC pediu acesso aos registros dessas reuniões, mas até o fechamento desta edição, não houve resposta.

Em comunicado via e-mail do final de julho, os moradores foram avisados pela Diretoria Vida no Campus que as instalações seriam nas semanas seguintes. Em 11 de agosto, a Amorcrusp emitiu ofício pedindo por mais espaços de diálogo para o debate de segurança na moradia, o que resultou numa reunião no dia seguinte. Ainda segundo Daniel, nessa reunião houveram discussões sobre o protocolo de funcionamento e os efeitos do controle de acesso, mas que nada foi conclusivo sobre essas questões.

Segundo a Associação, ainda havia falta de informações básicas sobre a medida. A Amorcrusp, durante o mandato da chapa atual, convidou diversas vezes representantes da PRIP e da diretoria Vida no Campus a estarem presentes dentro do CRUSP para diálogos entre os moradores. Segundo Daniel, esses pedidos nunca foram atendidos. As falhas na comunicação teriam culminado na ocupação das portarias.

A PRIP criou uma votação online no mesmo dia do tumulto, na qual 553 moradores participaram, sendo que 51,6% votaram a favor da instalação das grades. No entanto, o CRUSP possui 1163 alojados no total, segundo números divulgados pela Pró-Reitoria. Ou seja, somente um quarto do conjunto residencial votou favoravelmente, enquanto

metade não participou. O atual presidente da Amorcrusp acusou a votação de ter o objetivo de “desmoralizar o movimento” e que ela deve ser “feita com um debate político”, por conta do prazo limitado de um dia para enviar a resposta.

A assembleia dos moradores, que ocorreu no mesmo dia da manifestação, decidiu pela continuidade do movimento contra a instalação das grades por meio da ocupação contínua das portarias dos blocos F e G, a fim de evitar uma instalação repentina. Além disso, a confecção de cartazes, folhetos e outros métodos para chamar a atenção da comunidade de USP foram organizados. O seminário de segurança trabalhou com temas como saúde mental, democracia, diálogo e o próprio controle de acesso. Também foi organizado um conselho de segurança dos moradores, com representantes eleitos de diferentes blocos. A proposta agora é retomar estratégias de comunicação bilateral e organizar um plebiscito interno, com maiores complexidades nas opções da cédula de votação em relação ao modelo da Pró-Reitoria. Isso serviria para contemplar os grupos favoráveis ao controle de acesso, mas com outro projeto arquitetônico, como catracas ou portas de vidro.

O QUE ESTÁ EM JOGO A implementação do controle de acesso mais rígido é uma pauta de grande debate no CRUSP. A PRIP afirma que o projeto arquitetônico segue os modelos de “qualquer

prédio residencial em São Paulo”. Porém, a vice-presidente da associação, Giovana Oliveira, afirma o aspecto simbólico entre o visual das grades com o “sentimento de prisão”, que pode afetar a saúde mental dos moradores. Além disso, ao longo do processo, diversos cruspianos apresentaram dúvidas sobre o procedimento de visitas, o que, segundo a PRIP, não terá mudanças. A Pró-Reitoria buscou também sanar as dúvidas sobre o protocolo de emergência, que foi colocado no projeto e comunicado posteriormente.

A maior discussão está relacionada com os moradores irregulares do CRUSP. A PRIP afirmou, por meio de informe, que esse projeto de controle de acesso não afetará os estudantes não regularizados que possuem vínculo com a USP. Isso porque a entrada não afetará os estudantes não regularizados que possuem vínculo com a USP. Isso porque a entrada não afetará os estudantes não regularizados que possuem vínculo com a USP. Isso porque a entrada não afetará os estudantes não regularizados que possuem vínculo com a USP.

Porém, na ata da reunião do dia 12 de agosto, que não foi publicada oficialmente, consta que esse mesmo comunicado de julho também se estenderia para os moradores irregulares que não possuem relação com a USP. Essas inconsistências causam confusão e trazem incertezas sobre as normas e os efeitos da medida. O controle no acesso aos blocos e com barreiras físicas poderia causar expulsão não humanizada dos grupos não regularizados. O presidente da Amorcrusp, Daniel afirma que o tema não foi suficientemente debatido na reunião, e que novos encontros estavam em fase de

planejamento, mas acusa a PRIP de retirar esse ponto da ata. O JC buscou diversas vezes uma entrevista com os representantes da Diretoria Vida no Campus para entender melhor o caso das pessoas irregulares dentro do CRUSP e os detalhes do funcionamento da medida. Em resposta, a PRIP afirmou que “tudo o que tinha que ser falado sobre o assunto já o foi”, tanto por meio dos comunicados quanto em publicações oficiais. Daniel reforça que somente o controle de acesso não resolveria os principais problemas do CRUSP. Segundo o presidente da Associação, defeitos estruturais como conexão de internet fraca, infiltrações, falta de água, elevadores quebrados e outras questões de infraestrutura precária são vitais para moradia digna e deveriam receber a devida atenção. Além disso, o projeto não seria tão incisivo sobre casos de assédio e possíveis violências internas na moradia. O presidente da Amorcrusp demonstra insatisfação em relação à comunicação da PRIP. “Por que eles não querem apresentar a proposta [de funcionamento] de forma clara?”. Ele afirma que a decisão da instalação imediata é precipitada, vista a quantidade de questões em aberto que ainda persistem dentro do CRUSP: “[as grades] iam ser implementadas sem resolver a questão dos irregulares”. Daniel diz estar aberto ao diálogo com os representantes da USP, e acredita que uma medida de segurança na moradia deve ser debatida junto com o conjunto de moradores.

“A quem interessam as mentiras? A quem interessa ir contra a segurança no CRUSP? A quem interessa ser contra a moradia estudantil digna para os estudantes?”

PRIP em nota no Instagram



Momento em que estudantes ocupam o bloco G



Charge feita por morador do CRUSP



UNIVERSIDADE PÚBLICA

USP sedia primeiro seminário sobre presença indígena na Universidade

Pesquisadores e alunos indígenas discutem permanência e políticas de inclusão na USP

MARCELO TEIXEIRA E MIRELA COSTA
[REPORTAGEM]

“Nossos próprios troncos linguísticos, culturas, histórias, formas de cultivo e manejo da terra trazem conhecimento para dentro da USP. A universidade precisa incluir os saberes indígenas, e não romantizá-los”, diz Emerson Souza, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP (PPGAS), em entrevista ao JC. Pertencente ao povo Guarani-Nandeva, Emerson foi o organizador do seminário Presença e Ausência Indígena na USP, realizado entre 19 e 21 de agosto, na Biblioteca Brasileira de Guita e José Mindlin.

Pesquisadores, estudantes, docentes e lideranças indígenas de várias regiões do país se reuniram em mesas-debate para discutir maneiras de acesso, desafios da permanência e abordagem dos saberes indígenas na USP. Ao final da programação do evento, foram levantadas as entidades que irão escrever um documento de demandas a ser entregue à Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) e ao Conselho Universitário da USP. O seminário teve origem em um projeto de pesquisa selecionado pelo único edital de apoio a pesquisadores indígenas da PRIP, divulgado em 2023.

O doutorando aponta o atraso da implementação do vestibular indígena e a ausência de mais concursos voltados a povos originários como retratos do racismo estrutural na USP. Enquanto instituições de ensino superior, como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), contam com uma prova de ingresso específica para indígenas, a USP segue apenas a Lei de Cotas como política afirmativa de acesso. Assim, 50% das vagas da universidade são destinadas a alunos ingressantes de escolas públicas e, dessa porcentagem, 37% é voltada a estudantes pretos, pardos e indígenas.

“O movimento indígena da USP é pequeno porque há poucos indígenas aqui”

Matheus Median, diretor de Movimentos Indígenas do DCE Livre

“O papel da USP agora, como uma das poucas grandes universidades públicas do país a ainda não incluir um vestibular indígena, é pesquisar exatamente qual modelo ela pretende seguir e adotá-lo”, explica a professora Chantal Medaets, especialista em educação indígena e palestrante no evento. “Não existe

um certo e errado, todos têm seus [pontos] positivos e negativos, construídos para seu contexto específico”.

Embora o projeto já seja reivindicado há anos, não existe consenso com relação à forma ou escala desse tipo de vestibular. Desde 2004, dezenas de universidades públicas do Brasil já implementaram o projeto de alguma forma, com diferentes modelos a depender da instituição. Na Unicamp, que implementou o vestibular em 2018, participantes são obrigados a provar vínculo à terra indígena relacionada à sua etnia para entrarem no processo seletivo, enquanto em outras faculdades, apenas a autodeclaração da etnia é necessária. Enquanto a Unicamp reserva cerca de 4% de suas vagas para alunos indígenas, a Federal de Santa Catarina (UFSC) reserva menos de 0,5%.

Apesar dos avanços garantidos pelas cotas étnico-raciais, dentre os mais de 101 mil alunos matriculados na USP em graduação, pós-graduação e pós-doutorado em 2023, apenas 137 são indígenas, representando aproximadamente 0,13% do total. Matheus Median, diretor de Movimentos Indígenas do DCE Livre da USP, declara que “o movimento indígena da USP é pequeno porque há poucos

indígenas aqui”. E não só os números refletem a ausência desse grupo na universidade, como também a desvalorização do pensamento indígena nas bases curriculares. Durante o seminário, lideranças e pesquisadores sinalizaram a necessidade de intercâmbio entre diferentes formas de produção de conhecimento, com o intuito de promover uma ciência mais diversa.

As noções dos povos indígenas sobre cura, manutenção do meio ambiente e relações equilibradas entre o homem e a natureza são relevantes, sobretudo frente ao emergente cenário de intensas mudanças climáticas. O estudo e o legado das trajetórias indígenas também enriquece o cenário cultural da universidade, uma vez que os mais de 266 povos existentes no Brasil falam diferentes línguas e carregam os seus respectivos costumes.

Durante a plenária final do seminário, Renato Cymbalista, professor da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da USP (FAUD) e diretor de Direitos Humanos e Políticas de Reparação, Memória e Justiça da Pró-Reitoria, encerrou reafirmando que “a reparação é uma dívida que precisamos seguir buscando”.

Maria da Penha: Dra. Honoris Causa

JÔNATAS FUENTES [REPORTAGEM]

A Faculdade de Direito da USP (FD-USP) recebeu, no dia 22 de agosto, a Professora Doutora Honoris Causa Maria da Penha, representantes da USP e personalidades ativistas pela segurança da mulher na Homenagem à Maria da Penha: 18 anos da Lei que salva vidas.

Em entrevista ao JC, Maria da Penha afirmou que o evento “recorda o início de uma luta sem perspectiva, e que se tornou uma lei que veio para ajudar todas as mulheres do país, fruto de outras mulheres que me ajudaram a perseverar”.

A cerimônia foi apresentada por Thelma Assis, médica e vencedora do Big Brother Brasil 20. Em entrevista ao JC, Thelma reconheceu que Maria “merece muito mais” e enfatizou a educação geral como complemento à lei. “Conversando com homens e crianças, podemos conseguir uma sociedade mais justa e igualitária, que normalize ter mulheres em todos os espaços”.

Ana Hickmann, apresentadora da Record TV, também compareceu ao evento. “Foi por conta da lei que leva o nome dela que, hoje, tenho minha medida protetiva, e a chance de ter uma vida diferente”, lembrou Ana à reportagem do JC.

Maria da Penha foi indicada ao título ainda em 2021, que foi concedido pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF-USP) em março de 2023. Ex-uspiana, concluiu o mestrado na FCF em 1977. A celebração de agosto na Faculdade de Direito ocorreu em homenagem aos 18 anos da lei, criada em 2006.

No evento, Maria da Penha doou dois exemplares de seu livro *Sobrevivi... posso contar* (Armazém da Cultura): um para a FCF-USP - onde estudou -, e outro para a Faculdade de Economia da USP (FEA-USP), na qual seu agressor foi mestrando. “Preciso que eles tenham o conhecimento da verdadeira história de um ex-aluno”, declarou.



▶ SAÚDE EM PAUTA

Mpox não é motivo para alarme, mas prevenção, afirma especialista

Epidemiologista da FMUSP afirma que estado emergencial da Mpox no mundo não significa uma nova pandemia

JULIA ALENCAR [REPORTAGEM]

Com o recente decreto da Organização Mundial da Saúde (OMS), que estabeleceu a Mpox como Emergência de Saúde Pública de âmbito Internacional, pode surgir a dúvida se os macacos dos campi da USP apresentaram risco à saúde. A resposta é simples: não.

“Um dos grandes equívocos acerca da Mpox é que, na verdade, ela não é uma doença de macacos. Os grandes reservatórios do vírus são roedores nativos do continente africano, e é justamente nosso papel em uma Universidade reconhecida pela divulgação acadêmica discriminar a informação correta nos nossos meios”, afirma o professor Doutor Expedito José Luna, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP. Além da ideia equivocada sobre quem são os portadores do vírus, não existem casos no Brasil da variante mais grave – o clado 1b, que induziu o decreto da OMS – e a sua presença fora da África é esparsa, com apenas dois casos confirmados.

“O decreto serve mais como uma medida preventiva, alertando os países para que dêem início a protocolos de precaução e também para que se iniciem ações imediatas de contenção e tratamento nas áreas de foco”, completa o professor ao referir-se ao desbloqueio de recursos financeiros e vacinas para os países endêmicos.

O nome ‘variola do macaco’, recentemente alterado para Mpox, foi dado pelas condições em que o vírus foi identificado pela primeira vez: “Um grupo de macacos comprados da África foi levado para a Dinamarca em 1958, para servirem de cobaias para experimentos. Uma vez em território europeu, os macacos adoeceram, e por isso o vírus levou este nome, mas não foi pelo contato com eles que humanos foram infectados”, explica Luna. O especialista ainda afirma que é fundamental que os macacos não sejam mortos ou capturados, uma vez que podem ser reservatórios para outros patógenos, além de ser prejudicial para o ecossistema local.

A DOENÇA O vírus causador da doença, o mpox vírus (MPXV), do gênero Orthopoxvirus e família Poxviridae, pode ser categorizado em dois grupos: 1 ou 2. A partir deles, é realizada a classificação de quatro clados conhecidos, que são divididos entre a e b. Foi o subtipo 1b o responsável pelo atual surto na África Central, concentrado na República Democrática do Congo e considerado o mais grave, devido à alta transmissibilidade e mortalidade de 10,6%, de acordo com o Instituto Fiocruz. Por outro lado, o subtipo 2b, responsável pelo surto da doença em 2022 em todo o mundo, inclusive no Brasil, apresenta um perfil de transmissibilidade e mortalidade de mais leve e já foi controlado.

GLOSSÁRIO

Clado: grupo que inclui todos os organismos descendentes de um mesmo ancestral.

Pandemia: aplica-se apenas quando há transmissão elevada e constante em diversos continentes, como no caso da COVID-19.

Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional: apenas um alerta para o caráter emergencial da doença em países ou regiões específicas, possibilitando a liberação de recursos e início de medidas de contenção, prevenção e tratamento. Desde 2008, doenças como a H1N1, Ebola, Zika e Poliomielite também receberam o status de ESPII, mas nunca chegaram a se tornar pandemias, concentrando-se em seus países endêmicos.

Até o fechamento desta edição do JC, foram confirmados casos do clado 1b na República Democrática do Congo, Uganda, Ruanda, Burundi, Quênia, Costa do Marfim, Suécia e Tailândia. No Brasil, foram confirmados 709 casos de Mpox em 2024, todos derivados do clado 2b que, de acordo com o Ministério da Saúde, tem taxa de mortalidade de 0,022%. Por essa razão, o professor Luna afirma que não há motivo para alarme, apenas alerta e prevenção.

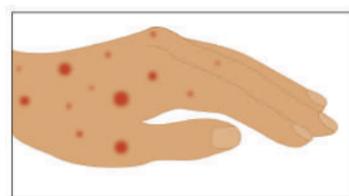
A doença se manifesta principalmente com erupções cutâneas ou lesões de pele, febre e linfonodos inchados, transmitindo-se pelo contato com materiais ou pessoas infectados, seja por vias sexuais ou proximidade com as lesões de pele. Até o momento, não existem vacinas específicas para a Mpox – a imunização é realizada com agentes contra a varíola humana.

Luna explica porque a vacinação em massa não é recomendada. “Como a varíola humana foi erradicada em 1977, os fabricantes reduziram a produção de imunizantes para o vírus. Assim, além de haver poucas doses, também há poucos fabricantes, portanto é necessário que haja um uso racional dessas vacinas”, diz o epidemiologista. “A ideia é vacinar em torno das cadeias de transmissão, técnica chamada de ring vaccination, ou vacinação de bloqueio. Assim, são priorizados aqueles que tiveram contato direto com o vírus”, detalha.

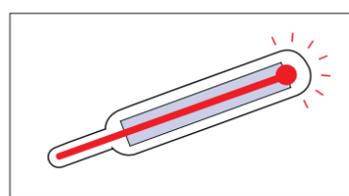
A campanha preventiva, inclusive no Brasil, também se aplica aos grupos de risco, como é o caso de pessoas imunocomprometidas, as que vivem com HIV/aids (PVHA), usuários da Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e profissionais de laboratórios que atuam em locais de exposição ao vírus. Em caso de suspeita de contato com o vírus, o Ministério da Saúde recomenda que o paciente procure avaliação médica. O tempo de incubação do patógeno varia de 3 a 16 dias, mas também pode chegar a 21. Na maioria dos casos, os sintomas se resolvem sem intervenção médica, em um período de duas a quatro semanas. Após a cicatrização das lesões de pele, o paciente não é mais capaz de transmitir o vírus.

Estudos a respeito da proteção contra a doença já são realizados na comunidade USP. O Instituto de Ciências Biomédicas trabalha no desenvolvimento de um creme antisséptico para as mãos, que se provou eficaz na proteção contra o vírus da Mpox. O Phitta Cream tem como princípio ativo o Phtalox, que foi desenvolvido no Instituto de Química da USP. Em declaração à imprensa, o professor Edison Luiz Durigon, coordenador do Laboratório de Virologia Clínica e Molecular do ICB-USP, afirma que este creme antisséptico é capaz de inativar o MPXV (mpox vírus) e todas as suas variantes em distintas durações, necessitando de, no máximo, quatro horas.

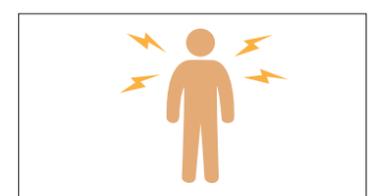
PRINCIPAIS SINTOMAS DA MPOX



ERUPÇÕES NA PELE



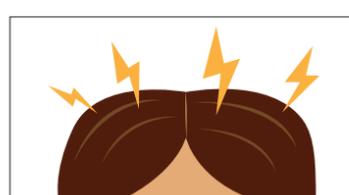
FEBRE E CALAFRIOS



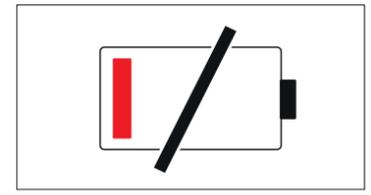
DORES NO CORPO



LINFONODOS INCHADOS



DORES DE CABEÇA



CANSAÇO E FRAQUEZA

1

▶ PESQUISA

Baixo valor de bolsas diminui engajamento de estudantes em pesquisas



Na realidade em que da metade dos alunos da USP vieram de escolas públicas, dificuldades financeiras e falta de tempo são principais impedimentos



BEATRIZ GARCIA E SOFIA ZIZZA
[REPORTAGEM]

“A bolsa da pesquisa é insuficiente para me manter em São Paulo, mesmo juntando com a bolsa do estágio. Apesar do aumento, tanto da PUB quanto do estágio, meus pais ainda precisam me ajudar com o aluguel”, afirma Juliana Matias, aluna do último ano da graduação em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), em entrevista ao **Jornal do Campus**.

Juliana faz pesquisa desde que entrou na faculdade com bolsas do Programa Unificado de Bolsas (PUB). Ela conta que a principal motivação para começar a pesquisar foi o sonho de uma possível bolsa de intercâmbio, mas que, depois, a motivação passou a ser financeira, já que apenas o estágio não era suficiente para cobrir seus gastos em São Paulo. “Agora está sendo uma preocupação, pois entrego minha IC em setembro e, como estou fazendo TCC, não posso entrar em outra. Essa renda me fará falta”, completa.

A estudante relata que muitas vezes precisou deixar alguma atividade de lado, sem poder se dedicar integralmente como gostaria, para dar conta da pesquisa. “No caminho até a ECA, indo

para o estágio ou até mesmo na fila do bandeirão eu fazia coisas da IC.” Ela conta que já precisou usar horários de aulas ou até mesmo deixar de ler textos para as disciplinas da graduação.

Lara Paiva também é aluna de Jornalismo, mas deixou de realizar uma IC na graduação por necessidade de estagiar. Ela explica que o projeto que gostaria de fazer não tinha a opção de pesquisa sem bolsa, o que, para ela que estagia na USP, era a única possibilidade. “Eu não queria deixar de estagiar pois estou no quarto ano da faculdade, então eu precisava disso para me formar e entrar no mercado.” Ressalta, ainda, que a bolsa de IC seria insuficiente para seus gastos.

Em entrevista ao **JC**, Elisa Torrecilha, aluna do Instituto de Física (IFUSP), conta que é custeada pela família em São Paulo e que, para ela, a bolsa PUB é um adicional na renda. “É um valor que não dá para se sustentar, tem que ser complementado de alguma forma.”

Atualmente, as bolsas de IC correspondem a um valor muito abaixo do salário mínimo estadual de R\$1.640,00. A bolsa PUB, por exemplo, é concedida no valor de R\$700,00 mensais por um período de 12 meses, sem renovação automática. Já a bolsa da

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) oferecia, até o início de agosto, R\$879,60 para pesquisas e agora aumentou para R\$1080,00.

O edital da Fapesp informa que a bolsa de IC pressupõe dedicação exclusiva do bolsista, com mínimo de 12 horas semanais, sem permissão de vínculo empregatício. Os bolsistas também não podem receber, durante toda a vigência da pesquisa, bolsa de outra entidade, salário ou remuneração por atividades de qualquer natureza, considerado por muitos um obstáculo.

De acordo com o edital da PUB, não é permitido o acúmulo de bolsas, exceto auxílios da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP), sob pena de desligamento do bolsista.

Cintia Barcellos Lacerda, representante da parte administrativa do setor de pesquisa da PUB, afirma para o **JC** que, a partir do edital de 2023, o acúmulo de bolsas passou a ser permitido, desde que apenas uma delas seja paga pela USP. “O aluno não pode ter duas fontes de renda da universidade por conta de uma regra orçamentária. Além disso, a bolsa PUB também não pode ser acumulada com outras bolsas de pesquisa por conta das regras das agências de fomento.”

A representante esclarece que só a partir do edital de 2023 foi possível combinar o auxílio da PUB com um vínculo empregatício ou um estágio. Isso aconteceu devido à desvinculação entre PUB e Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE), o que tirou o caráter de apoio socioeconômico da bolsa. Cintia explica que quando a PUB era ligada à permanência estudantil, os contemplados não poderiam ter outra fonte de renda.

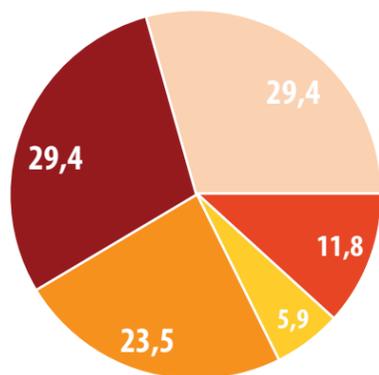
“Foi entendido que as bolsas separadas permitem que mais pessoas possam ser contempladas pela bolsa de pesquisa”, esclarece. Ela completa afirmando que a mudança permite que aqueles que precisam do auxílio permanência fiquem concentrados em uma bolsa específica.

Além disso, Cintia indica ao aluno que estagia e quer fazer Iniciação Científica, que ele participe de um grupo de pesquisa durante a graduação, se aproxime de um docente e inicie o processo de pesquisa de maneira voluntária, já que, segundo ela, a bolsa exige prazos mais rígidos. “Apesar do programa de IC sem bolsa exigir relatórios para que o estudante tenha o certificado, ele acaba sendo a forma mais flexível para realizar pesquisa.”

“A bolsa da pesquisa é insuficiente para me manter em São Paulo, mesmo juntando com a bolsa do estágio. Apesar do aumento, tanto da PUB quanto do estágio, meus pais ainda precisam me ajudar com o aluguel”

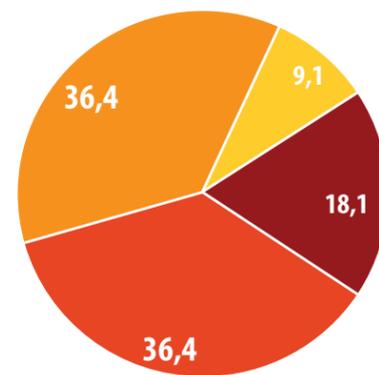
Juliana Matias, estudante de jornalismo

De que você abriu mão para pesquisar?



- Desempenho no curso
- Estágio/trabalho
- Vida social
- Situação financeira confortável
- Nada

O que te impede de pesquisar?



- Bolsa insuficiente
- Ter de trabalhar
- Carga de estudos
- Responsabilidades pessoais

*Fonte: Formulário feito pelo JC e divulgado para alunos da USP entre 12 e 28 de agosto de 2024.



▶ SAÚDE

Amostras de esgoto de São Paulo podem otimizar a vacina da gripe

Grupo de Pesquisa do *Institut Pasteur* pretende melhorar a vacina da gripe a partir do monitoramento do vírus da influenza

BEATRIZ GARCIA E SOFIA ZIZZA
[REPORTAGEM]

O novo projeto do Institut Pasteur de São Paulo (IPSP) monitora a presença do vírus da Influenza em amostras de águas residuais de São Paulo. Coordenada pelo Grupo de Pesquisas de Vigilância Genômica e Inovação em Vacinas, o objetivo da pesquisa é melhorar as vacinas já existentes contra a gripe.

Em entrevista ao **JC**, o coordenador do grupo, Dr. Rubens Alves, explica que a relevância do estudo está na variedade de vacinas em uso e na necessidade de atualização anual delas. “Os vírus que são detectados em um certo lugar do hemisfério sul, daqui a 6 meses, vão para o norte com mutações”, acrescenta.

Inspirado na eficaz produção de vacinas durante a pandemia

da Covid-19, o pesquisador explica que o objetivo do grupo não é criar vacinas para o mercado, mas sim diminuir a necessidade de monitoramento para atualização. “Estamos tentando mostrar que talvez a gente consiga fazer vacinas que sejam atualizadas mais rapidamente.”

O coordenador afirma que o processo de monitoramento servirá para identificar a assinatura genética do vírus nas amostras de água, produzir um modelo de dinâmica viral e, a partir disso, “influenciar decisões políticas de como melhorar o manejo de potenciais surtos de gripe que podem acontecer”.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1 bilhão de casos da gripe causada pelo vírus da Influenza são registrados anualmente. Destes, de 3 a 5 milhões são graves.

A OMS monitora continuamente os vírus da gripe e sua atividade global, além de recomendar a vacinação contra a influenza duas vezes por ano, com foco nas épocas de contágio.

DENTRO DA USP O Institut Pasteur de São Paulo é uma associação privada sem fins lucrativos fundada pelo Institut Pasteur, de origem francesa, e pela USP em março de 2023. Localizada na cidade universitária, a sede brasileira desenvolve pesquisas de alcance internacional no campo das ciências biológicas.

Em entrevista ao **JC**, a diretora executiva do centro, Dra. Paola Marcella Camargo, explica que a maior vantagem do Laboratório estar dentro da universidade é a contribuição de grandes virologistas brasileiros para pesquisas de doenças emergentes.

Já para os estudantes, Paola diz que o benefício é a possibilidade de participação no meio científico. O Institut recebe estudantes por meio de concursos, com requisitos a depender de cada projeto.

A Rede Pasteur alcança cerca de 25 países e coopera para integrar a comunidade científica com as questões locais de saúde pública e de impacto global. Paola explica que o instituto também oferece oportunidades de intercâmbio para os estudantes: “nós não queremos que os estudantes fiquem aqui anos e anos no mesmo laboratório, mas queremos formar essas pessoas para que elas possam ir para os laboratórios de ponta no exterior e, quando elas vierem para cá, elas montem seu laboratório”.

Nesta dinâmica integrativa com diversos laboratórios espa-

lhados pelo mundo, a diretora afirma que os alunos participantes são incentivados a enriquecer a ciência do Brasil a partir das vivências no exterior. Os pesquisadores têm acesso a cerca de 35 laboratórios da Rede Pasteur. “São cientistas trabalhando com as mais variadas coisas e os nossos estudantes têm a possibilidade de entrar em contato com eles”, acrescentou Paola.

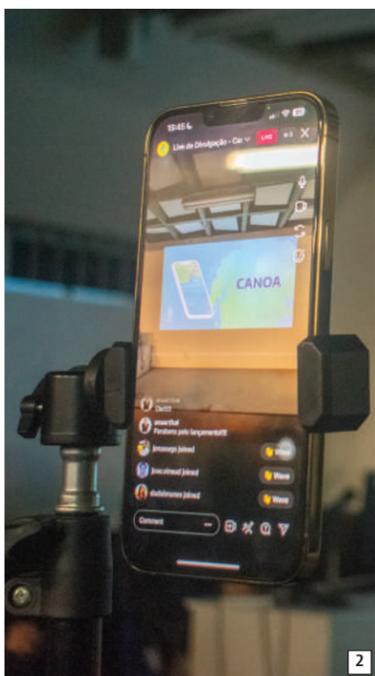
VAGAS ABERTAS

O projeto da vacina está procurando pesquisadores de pós-doutorado em Virologia, Imunologia e áreas relacionadas até o dia 22 de setembro. Para participar da seleção envie em PDF seu CV Lattes, carta de motivação (1 página) e duas cartas de referência para o email:

survivax.ipsp@gmail.com

Canoa: navegando em direção ao tratamento do câncer de bexiga

Laboratório IDEIA USP lança protótipo de aplicativo para ajudar pacientes diagnosticados com a doença



BEATRIZ GARCIA E SOFIA ZIZZA
[REPORTAGEM]

Um paciente em tratamento de câncer precisa de informações seguras e confiáveis. Para atender a essa demanda, foi lançado, pelo Laboratório de Interfaces Digitais, Experiências e Inteligência Artificial (IDEIA USP), o aplicativo Canoa. O software busca informar e facilitar o tratamento do câncer de bexiga.

O aplicativo apresenta uma plataforma gamificada e personalizada para atender às necessidades de cada paciente. A partir do chat comandado por inteligência artificial, os usuários poderão completar tarefas que auxiliarão no tratamento. A interface do aplicativo é baseada

na jornada de um barco, em que cada ilha representa uma etapa do processo.

A integrante do laboratório, Isabela Teixeira, explica ao **JC** que, após pesquisas, o grupo entendeu que plataformas direcionadas à área da saúde ou traziam informações falsas ou explicações muito técnicas. “As pessoas que estavam em casos iniciais tinham acesso a informações de sintomas de fases mais avançadas da doença e entravam em desespero”, completa.

O laboratório retirou informações públicas do Instituto Oncoguia e consultou diversos profissionais da área da saúde — como médicos, enfermeiros, nutricionistas e psicólogos — para delimitar o tema do aplicativo e

coletar informações para montagem do mapa.

O paciente pode falar como está se sentindo no chat e o aplicativo vai passar tarefas simples a serem realizadas diante do sintoma relatado. “Não cabe ao chat julgar, ele só dá opções com base no que os pacientes precisam e estão disponíveis a fazer”, ressalta a estudante.

A cada mudança de fase do tratamento, os pacientes evoluem no mapa do Canoa, o que segundo o grupo motiva o usuário a não desistir do processo de tratamento. “Não há uma ordem certa das ilhas, depende de cada caso. Tudo que o paciente faz fica registrado em um diário de bordo”, explica Isabela. O objetivo é tornar o Canoa gratuito.

A estudante ainda ressalta que uma das metas do projeto é deixar a linguagem do app cada vez mais inclusiva. Ela afirma que o software está em fase de protótipo e que, para ser lançado no mercado, precisará da intervenção de programadores.

SOBRE O LAB IDEIA

O Laboratório IDEIA USP é um grupo multidisciplinar autogerido, formado, na maioria, por estudantes de diversos cursos da USP. Coordenado pelo professor de publicidade Luli Radfahrer, o grupo desenvolve interfaces inovadoras a partir dos princípios de UX (Experiência do Usuário), com objetivo de proporcionar interações mais intuitivas e eficazes entre humanos e tecnologia.



NOVA DIRETORIA DO MAC USP RESGATA CONTEMPORANEIDADE

Planos da nova gestão visam manter e ampliar a digitalização e criar “Colégio Livre das Artes”

PALOMA LAZZARO [REPORTAGEM]

Na Avenida Pedro Álvares Cabral, número 1301, 1o andar, José Lira e Esther Hamburger ocupam a diretoria do Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP), desde 13 de julho de 2024. Precedidos por Ana Magalhães e Marta Borgéas, gestão responsável por lidar com a pandemia, o novo plano de gestão visa a criação de centro dedicado a ciências do patrimônio, a maior atuação estudantil e a presença de artistas vivos e a diversidade intelectual. O espaço, responsável pelo lazer, pesquisa e educação, é composto pela somatória das mudanças e permanências implantadas durante as últimas três gestões.

Entre os visitantes das exposições e pelo terraço, há grupos de alemães, ribeirão-pretenses e de escolas, todos guiados por funcionários da USP. Casais se encontram na cafeteria antes de subir aos andares expositivos. Durante 2020 e 2021, no entanto, a vida movimentada no prédio de pilastras em V foi interrompida. Os primeiros dois anos da gestão de Ana e Marta demandaram uma nova forma de funcionamento: o que é um museu sem um espaço físico?

“A primeira grande mudança foi pensar nos meios digitais. Rapidamente implantamos uma série de atividades e eventos digitais no segundo semestre de

2020”, conta Ana. O novo diretor acredita na continuidade dessa mudança: “a pandemia gerou uma revolução em museus. A necessidade de compartilhamento de acervos, atividades e informação criou um meio muito mais amplo de acesso e adaptação do conteúdo”.

Capturar e preservar a história recente da arte, ao mesmo tempo em que se fomenta sua produção e novas perspectivas sobre ela, é a base do projeto do “colégio das artes”, meta mais abrangente da nova gestão. Parte dela é a criação do centro de ciências do patrimônio, que contará com a atuação interdisciplinar de diversos docentes da USP. No entanto, a ideia não é inédita no Museu. Durante a década de 1960, Walter Zanini, primeiro diretor da instituição, tinha uma visão parecida ao atual projeto.

Esther afirma que ele deixou o legado de um museu que intervém na cena cultural, fazendo uso dos laços com instituições internacionais e fomentando conexões. “Dentro da USP, se falava em ‘Instituto das Artes’. Então, é assim, imaginando uma efervescência parecida com a da década de 60, que vem a nossa ideia”. O MAC estava profundamente ligado à vida cultural e artística da cidade de São Paulo, afirma José Lira. Jovens vinham ao Museu não só para conhecer o acervo, mas também para participar de discussões e exposições da arte

de seu próprio tempo. “Essa vinculação entre a vida do museu e a vida urbana era muito forte, o que durante muitas décadas arejou o espaço”, conta o novo diretor.

O MAC é um museu universitário com responsabilidades perante à educação e pesquisa. Ao mesmo tempo, nos últimos doze anos, se tornou parte da paisagem e do roteiro cultural de São Paulo. Curadores e estagiários se movimentam entre andares fechados ao público. Entre eles, André Maia aponta como características do MAC “a proximidade com o Ibirapuera e a conjugação de uma ampla seleção de arte contemporânea no acervo”.

Os projetos da nova diretoria são uma maneira de dar continuidade a aspectos de um passado recente, além de manter a contemporaneidade, com a presença de artistas vivos e alunos envolvidos. Gerir um museu é um trabalho intergeracional. “Há um tipo de continuidade institucional, houve uma discussão muito bem azeitada entre o corpo docente da casa e os agora gestores. A nova gestão é a continuidade desses grandes valores que o Museu tem”, fala Magalhães. Assim, na Avenida Pedro Álvares Cabral 1301, projetos são gestados e depois nascidos no mesmo jogo de fraturas e permanências cronológicas que se vê nas obras da atual exposição de longa duração: Tempos Fraturados.

Criado recentemente, Centro de Estudos Palestinos abre concurso para logotipo

MARCELO TEIXEIRA [REPORTAGEM]

O recém-criado Centro de Estudos Palestinos da Faculdade de Filosofia, Letras e Humanidades (CEPal-FFLCH) da USP inicia um concurso para a escolha de seu logotipo. Aberto a qualquer membro da comunidade universitária, alunos, ex-alunos, professores e funcionários, os pesquisadores do Centro procuram um logo que represente a identidade cultural palestina.

Fundado no dia 27 de junho de 2024, a nova subdivisão da FFLCH tem como objetivo promover maior contato entre os pesquisadores da crescente área dos estudos palestinos. “Percebemos que os estudos palestinos ganharam maturidade dentro da Universidade nos últimos anos”, explica Arlene Clemesha, professora e doutora em História Econômica do Oriente Médio e uma das coordenadoras do Centro. “Por isso, consideramos que era merecido um centro próprio”.

Além de promover a pesquisa na área, o CEPal também pretende organizar eventos na Universidade sobre a Palestina. “Queremos também chamar pesquisadores palestinos para ministrar palestras na USP, com o apoio do *Institute for Palestinian Studies* (IPS), (instituto internacional de pesquisas sobre a Palestina, sediado em Beirute, no Líbano)”, explica Arlene.

A Palestina é, de certa forma, o centro de uma série de pautas globais, e é necessário que se dê enfoque ao genocídio que vem sendo conduzido contra o povo palestino

Arlene Clemesha, coordenadora do Centro de Estudos Palestinos

A ideia de formar o Centro não surgiu isoladamente, explica, mas como reação a eventos recentes. “O contexto político nos incentivou a dar maior atenção à essa área”, adiciona.

Não há qualquer requerimento estético específico ou componente obrigatório no design do logotipo, porém, é incentivado que se utilizem elementos que remetam à identidade cultural palestina, como as cores da bandeira ou o padrão tradicional *tatreez*. Todas as propostas submetidas serão consideradas pela banca de conselheiros do CEPal.

O vencedor do concurso, além de ter sua arte utilizada em todo o material do Centro de Estudos, receberá também uma *kufiyyah*, cachecol de algodão tradicional palestino, e um livro sobre a cultura da país árabe. Interessados poderão submeter suas ideias até dia 15 de setembro, encaminhando suas propostas para o e-mail oficial do Centro: cepal.fflch@usp.br

Neste vazio, cabe arte

Público aponta falta de apoio da Universidade na promoção de atividades culturais no Campus

BÁRBARA AGUIAR
[REPORTAGEM]

Em 22 de junho, a configuração da Praça do Relógio mudou por um dia: ao lado da Torre do Relógio, um palco foi instalado e uma plateia, estimada pela organização em 55 mil pessoas, acompanhou a apresentação de Marisa Monte e da Orquestra Sinfônica da USP (Osusp).

O evento foi realizado em comemoração aos 90 anos da Universidade e, além de marcar a data, levantou questionamentos sobre o uso dos espaços da Instituição para a promoção de eventos culturais. A adesão do público mostrou que o desejo de prestigiar shows e manifestações culturais não falta, mas eventos de grandes proporções como esse da cantora Marisa Monte e da Osusp são cada vez mais raros na USP.

PASSADO DE SHOWS Durante os 90 anos de história, a Cidade Universitária foi palco para grandes vozes da música brasileira e berço para a produção cultural universitária. O programa Bem Brasil, que reunia artistas e bandas em espetáculos musicais abertos ao público, foi – entre 1991 e 1995 – produzido no anfiteatro da USP e transmitido ao vivo pela TV Cultura.

A parceria acabou quando o Bem Brasil passou a ser gravado no Sesc Interlagos. O primeiro programa teve show do grupo Izaías e seus Chorões, do flautista Altamiro Carrilho e foi apresentado por Wandi Doratiotto, que integrava o grupo Premeditando o Breque, criado em 1976 por estudantes da USP.

Antes disso, a USP já recebia vozes como a de Milton Nascimento, que fez uma apresentação na Faculdade de Arquitetura em 1974, e João Bosco, que participou da recepção dos calouros do ano de 1983.

Esses momentos ficam na memória de quem viveu a USP aberta ao público. “Lembro de assistir a um show do Jorge Ben Jor no Velódromo no começo dos anos 2000. É uma pena que a maior universidade da América Latina seja toda murada e dificulte o acesso da população”, destaca José Cussiol, formado em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências em 2004.

De acordo com o arquiteto Giuliano Magnelli, que se formou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) em 2017 e é mestrando em Planejamento Urbano e Regional, a Cidade Universitária possui capacidade para se integrar à cidade de São Paulo e ser mais do que espaço de passagem dos estudantes e profissionais da Universidade. “A USP tem potencial para ser um parque, com utilização de seus espaços para realização de eventos culturais como exposições, shows e principalmente, práticas esportivas e de lazer”, ele afirma.

Entre os espaços que poderiam ser retomados e readaptados, além da Praça do Relógio e do Velódromo, Magnelli cita os vãos da FFLCH e da FAU. “São espaços multiusos que poderiam ser utilizados para encontros, para confraternização, além do uso pelos estudantes. Mas a falta de urbanidade dentro e no entorno da USP torna essa ocupação maior, um desafio”, pontua.

Segundo o arquiteto, para que esses locais se transformassem em ambientes propícios à promoção frequente de atividades abertas ao público, seria necessária a implantação de estruturas que, hoje, não existem na USP, como banheiros públicos, alguns comércios, um metrô dentro ou mais próximo do Campus e um monitoramento do acesso aos prédios.

ESPAÇO As limitações não são exclusivas da recepção de público

externo: estudantes da USP também buscam espaços para realizar atividades culturais.

Cesar Vargas, estudante de Engenharia Química e diretor cultural do Grêmio da Escola Politécnica, relata que a organização estudantil cede espaço para que grupos musicais da Poli, como o Polifonia e o Acappolli, ensaiem e se apresentem. “Com o tempo foi necessário não só organizar eventos culturais, mas gerar oportunidades para os próprios alunos se desenvolverem artisticamente”, diz.

O estudante relembra, com pesar, o cancelamento da edição de 2024 do Programa Nascente, criado em 1990 para incentivar a produção artística dos alunos: “Fiquei bem chateado pelo cancelamento, gostaria de ter participado esse ano na categoria de artes visuais ou design”, revela.

O programa, que conta com categorias para produções visuais, literárias e musicais, era o principal espaço para a comunidade acadêmica mostrar os talentos artísticos. O professor Emerson Inácio, coordenador do Nascente, revela que o cancelamento da edição aconteceu pela implantação de uma nova lei de licitação, que reteve e atrasou contratações de serviços para a organização do evento.

“Somente agora poderíamos iniciar as contratações e seria impossível colocarmos para funcionar um evento, sempre realizado em novembro, que normalmente levamos seis, sete meses montando”, afirma o coordenador do projeto.

Para Jo Santos, calouro de Artes Visuais que produz música eletrônica e pop, a iniciativa do programa é interessante, mas parece excludente para o seu tipo de arte. O estudante aponta que as categorias do Nascente abrangem apenas música erudita e popular.

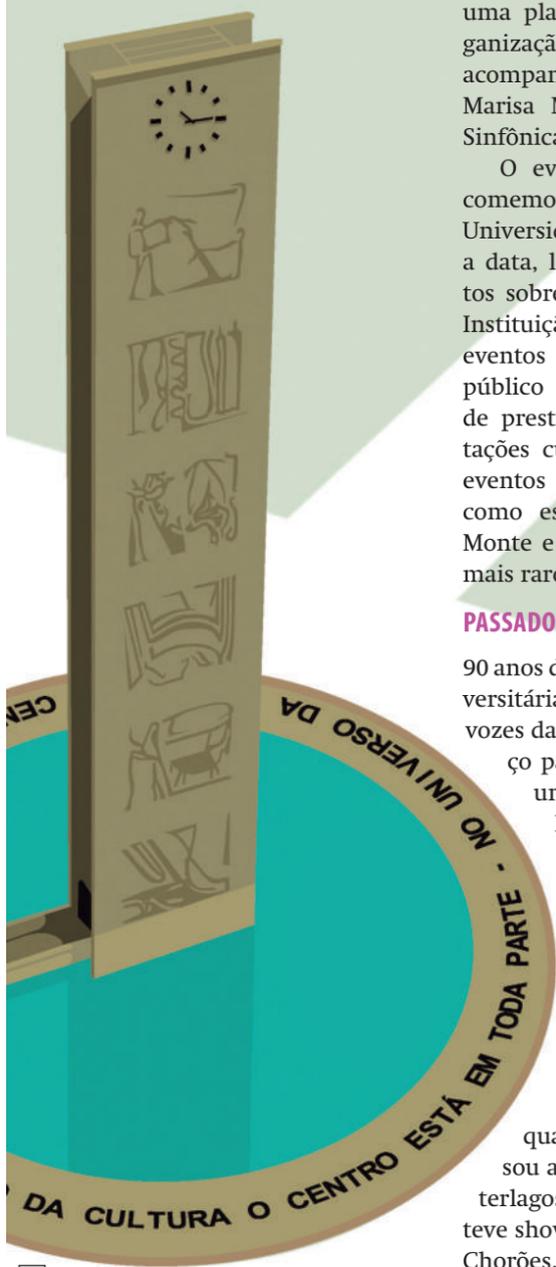
“É uma coisa que eu sinto em relação às artes da USP de forma geral. Parece que tudo tende a ir para um lado mais instrumental, acústico e até erudito, eu diria”.

“Eu gosto muito de música trash, de música camp, e sinto que o tipo de música que eu gosto e que eu faço não teria espaço no Projeto Nascente”, reflete o estudante. Os desafios para encontrar um local que abrigasse sua arte o fizeram criar uma comunidade no WhatsApp para músicos e bandas da USP. “A ideia foi fomentar essa união, conexão, para a gente ter um espaço de troca”, explica.

Além da falta de abertura para produções universitárias diversas, Jo aponta dificuldades que também foram relatadas por Cesar: a ausência de locais disponíveis para ensaios, apresentações e a indisponibilidade de instrumentos para treino. Na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), por exemplo, os alunos têm a possibilidade de tocar piano mediante o cadastramento em uma lista de monitoramento.

Uma iniciativa semelhante, segundo a Chefia do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes, não é possível na Cidade Universitária. “A prioridade é dada aos alunos regularmente matriculados no curso de Música e não é possível aumentar a demanda de nossas salas de estudo com estudantes de outras unidades, tendo em vista que não teríamos como atender às necessidades de nossos alunos”, respondeu, em nota.

Aos alunos artistas, as iniciativas próprias são a principal saída para a arte universitária. Cesar destaca que as reuniões abertas da Semana de Arte na Poli (SAPO), que acontecerá na última semana de outubro, estão abertas para inscrição de todos que desejem se apresentar ou auxiliar na semana cultural.



Entre em contato com o Grêmio Politécnico no Instagram ou presencialmente nas reuniões que ocorrem todas as quintas-feiras às 11h. Também é possível ficar atento pelo Instagram @arteculturapoli.usp

O caminho das pequenas coisas felizes

MIRIÃ GAMA [TEXTO]

O que nos traz felicidade? Ou melhor, o que é felicidade? Começar com esses dois questionamentos me parece brutal, confesso, porém minha mente navegou por essas perguntas enquanto olhava a paisagem de árvores secas pelas janelas de um circular, um 8032 qualquer. Às 19h37, me peguei em uma auto investigação da causa do sorriso singelo que toma o meu rosto, mesmo após longas horas de cansaço e um dia completo longe de casa. Talvez, seja a tal da felicidade. Uma definição mais formal, de dicionário, ou simplesmente do Google, relaciona felicidade a um estado verdadeiro de satisfação plena. Aos olhos da filosofia, as coisas se tornam mais complexas e os significados ficam mais abstratos: associam com prazeres, sentimentos, emoções e... momentos.

Neste ponto que eu queria chegar. Entre os diversos momentos que compõem a rotina brutal de um universitário, há fagulhas de boas coisas que motivam os singelos sorrisos ou as grandes gargalhadas dentro dos circulares. E antes que me chamem de saudosista – ou otimista –, desde já quero reconhecer que nem somente de flores vivem os uspianos. Há problemas com a falta de professores e estrutura, dificuldades financeiras, situações de abuso moral e até mesmo físico, condições de moradia precária no CRUSP... Mas, deixando as denúncias e problemáticas para páginas internas desta edição, quero me ater somente aos bons momentos. Para continuar com a narrativa dentro do meio de locomoção mais comum nas ruas da Cidade Universitária, gostaria de lembrar do tradicional momento que ocorre todos os anos: o primeiro dia da semana de recepção e a grande maré de recém-chegados indo embora coloridos com o azul da Poli ou o roxo ecano.

Para além das cores, uma coisa que não deixa os bixos passarem despercebidos são as risadas, a conversa alta, o jeito meio bêbado, as mochilas nas costas, a dificuldade para passar na catraca... talvez seja esse o primeiro momento marcante inerente a todos nós: a alegria de estar aqui. Como descrever o sentimento de ver o nome completo na lista? Faz algum tempo que tive essa sensação, longos meses, mas o sorriso ainda surge, a mesma felicidade ressoa pelo tempo. E o provável combustível dessa alegria é o sentimento de realização. Citando novamente nosso amigo Aurélio, realização é a sensação de satisfação, do sucesso sendo alcançado. Muitos dos que chegam até a Melhor Universidade do País passam por longos caminhos, com obstáculos e desigualdades a serem superadas. Alguns passam meses, anos, se preparando para o terrível Enem ou a temida Fuvest, e estar aqui sela o fim de toda a jornada de guerra aos vestibulares. Sim, esse é um bom motivo para sorrir.

Mas talvez haja outra coisa que também alegra os uspianos. E não, ainda não é a hora de falar das festas universitárias. Antes disso, queria lembrar daqueles que tornam os dias aqui mais suportáveis: amigos. O que seria do caminho até o bandeirão sem as pessoas ao nosso lado comentando inocentemente sobre o que acabou de acontecer na aula? Ou então do trabalho feito aos quarenta e oito do segundo tempo em completo surto? Fazendo um rápido exercício de imaginação, afirmo com certeza que meus dias por aqui seriam totalmente cinzentos sem as companhias que tenho. E é engraçado pensar na maneira naturalmente caótica que tudo isso acontece.

Uma das primeiras amizades que fiz, e dura até os dias de hoje, começou em um dos bancos de concreto em frente ao prédio central da ECA, pelo simples fato de uma das meninas no grupo ali perdido, sem ter certeza de para onde ir, também ser uma futura jornalista. Desde então, eu e a loirinha somos amigas. E considero mágica a capacidade da USP de unir pessoas que fora dessas salas seriam totais desconhecidos, caminhos que jamais se cruzaram em outro palco. Um que mora no extremo sul de São Paulo é melhor amigo de um Itaquerense — um encontro tão excepcional que me permite fazer a comparação com o metrô, afinal, toda linha azul tem a sua linha vermelha.

São essas companhias que nos levam para o vão da FFLCH. Sim, agora sim chegou a hora de falar da melhor parte da vida universitária na visão de muitos. Seja em um dos institutos ou em uma escola de samba qualquer, é fato que a maior parte das boas memórias são geradas com uma caneca metalizada na mão e um teor de álcool mais alto que o recomendável no sangue. Aqueles momentos que as câmeras dos celulares nem são mais lembradas para registrar e que acontecem coisas imorais demais para serem citadas no JC.

E não há como falar de festas uspianas sem citar um grande protagonista: o amor. Tudo bem, talvez seja um pouco idealista relacionar o amor com a Quinta e Breja, mas casais oriundos da FEAFunk testemunham que sim, é possível achar a tampa da sua panela em um momento assim. Muitos apaixonados da Cidade Universitária encontraram aqui, em uma sala de aula ou na fila do almoço no Central, a pessoa que irá os acompanhar durante anos. Em qual sala

da USP não há alguém que se relacione com uma pessoa do mesmo instituto?

Por citar as salas mais uma vez, quero fazer menção a parte menos legal da universidade, na visão de alguns: o curso em que estamos matriculados. Entre as complicações da graduação, também há um pouco de alegria. Sim, ninguém faz uma prova de Cálculo IV com um sorriso aberto no rosto, mas não repetir a matéria com certeza arranca comemorações dos futuros engenheiros ou matemáticos.

Indo um pouco além, relaciono a graduação e a felicidade também quando vivemos aqui experiências acadêmicas que mudam nossas vidas. Sendo francos, sabemos que ser um aluno da USP proporciona coisas que não teríamos em outras universidades. Seja a possibilidade de fazer aquela optativa e se apaixonar por um curso totalmente diferente do que você faz ou participar de uma empresa júnior e conhecer pessoas incríveis.

Bem, o 8032 já chegou até o metrô Butantã e faltam linhas e palavras para escrever sobre as atléticas, as práticas esportivas, a independência, a possibilidade de se descobrir aqui, de ser quem você realmente é. No fim de tudo isso, o que me faz sorrir é que, mesmo no meio de todo esse caos, a felicidade mora aqui.

